

# REDES TECNOLÓGICAS DE INFORMAÇÃO/COMUNICAÇÃO E PANDEMIA: OS DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS DE UMA AUTÊNTICA CULTURA DO ENCONTRO EDUCATIVO

Jefferson da Silva<sup>1</sup>  
Marcius Tadeu Maciel Nahur<sup>2</sup>

## Resumo:

Este texto pretende discutir os enormes desafios contemporâneos de uma autêntica cultura do encontro educativo pelas redes tecnológicas na era da pandemia. Traz uma reflexão filosófica sobre a imponência da racionalidade tecnológica, que une pensamento abstrato e experiência concreta, afirmando-se já não ser mais possível desconectar a ideia de poder e progresso de uma realidade virtual, construída no centro da sociedade da informação/comunicação e concebida como um novo paradigma econômico, social e cultural. Nesse ambiente virtual, inundado de fluxos intensos e velozes de imagens, palavras e sons, as redes tecnológicas não devem ser entendidas apenas como redes de máquinas conectadas, mas, sobretudo e especialmente, como redes de pessoas prudentes, inclinadas para uma autêntica cultura do encontro educativo com o outro, orientada por relações de cooperação, compartilhamento e cuidado com o próximo, em que não fiquem distantes os transcendentais do belo, do bem e da verdade.

**Palavras-chave:** Redes. Pandemia. Desafios. Educação. Encontro.

## TECHNOLOGICAL INFORMATION/COMMUNICATION NETWORKS AND PANDEMIC: THE CONTEMPORARY CHALLENGES OF AN AUTHENTIC CULTURE OF EDUCATIONAL ENCOUNTER

138

## Abstract:

This text intends to discuss the enormous contemporary challenges of an authentic culture of educational meeting by technological networks in the pandemic era. It brings a philosophical reflection on the majesty of technological rationality, which unites abstract thinking and concrete experience, affirming that it is no longer possible to disconnect the idea of power and progress from a virtual reality, built in the centre of the information/communication society and conceived as a new economic, social and cultural paradigm. In this virtual environment, flooded with intense and fast flow of images, words and sounds, technological networks should be not understood only as networks of connected machines, but, above all and specially, as networks of prudent people, leading towards an authentic culture of educational meeting with the other, guided by relations of cooperation, sharing and caring with the next one, in which do not stay away the transcendentals of the beautiful, the good and the truth.

**Keywords:** Networks. Pandemic. Challenges. Education. Meeting.

---

<sup>1</sup> Doutor em Filosofia pela PUC-SP, professor do Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unidade Lorena e da Faculdade Canção Nova – Cachoeira Paulista/SP; Endereço eletrônico: je.filos@hotmail.com. <http://orcid.org/0000-0002-2671-4621>

<sup>2</sup> Mestre em Direito pelo Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Unisal – Lorena/SP. Professor do Unisal (Lorena/ SP) e da Faculdade Canção Nova (Cachoeira Paulista/SP). Endereço eletrônico: macielnahur@gmail.com. <http://orcid.org/0000-0001-8729-9719>

## **1. Introdução**

Não é tão fácil refletir a respeito do impacto produzido pela tecnologia, nos últimos tempos, sobre as muitas dimensões da vida humana, notadamente, a respeito da educação na era da pandemia.

Assiste-se a uma mudança, sem precedentes, na estrutura mais íntima da própria experiência das relações humanas, gerada pelos mais diversos meios de informação e comunicação. Por certo, a pandemia potencializou os desafios educativos, especialmente, com a dependência massiva das redes tecnológicas e das respectivas aulas remotas para a manutenção da qualidade dos processos de ensino e aprendizagem.

É certo que a difusão rápida e quase instantânea de ideias, conceitos e valores tem disseminado pautas de comportamento ou padrões de cultura, através de todos os quadrantes do mundo. Nunca os próprios equipamentos tecnológicos se difundiram tanto, por toda parte do globo, como nos tempos atuais, muito embora nem todas as camadas sociais tenham pleno acesso a eles. Trata-se de uma difusão que, aliás, tem se verificado de maneira bastante intensa e crescente, de modo a provocar uma nova experiência quase desconcertante no cotidiano das pessoas. Estão tantos envolvidos nesse processo, a sacudir o mundo com tanta rapidez, que já não se dão conta do que está acontecendo e os fatos parecem caminhar muito na frente dos hábitos mentais de pensar a respeito da própria realidade.

Alguns pensadores, baseados apenas na observação superficial de que a tecnologia está se alastrando com rapidez, por toda parte - o que é óbvio -, e de que os costumes ligados a essa tecnologia também se espalham pelos vários cantos do mundo - o que também é evidente -, de maneira simplória, dizem que o mundo segue na direção de se transformar numa espécie de aldeia global.

A reflexão parte de uma perspectiva apenas ostensiva dos fatos, pois o que se passa é muito mais complexo, já que a associação entre os valores cosmopolitas, trazidos pelos meios de informação e comunicação, vão se combinando de muitas e múltiplas formas, compondo uma profunda experiência singular e heterodoxa da vida nos tempos atuais.

Os processos de massificação são somente aqueles vistos ou observados no espetáculo midiático cotidiano ou eles têm formas mais sutis que influem, decisivamente, no destino dessa época do mundo virtual? Como se pode saber em que acreditam os seres humanos, na era atual da alta tecnologia, quando os tão poderosos meios de informação e de comunicação

bombardeiam, o tempo todo, o imaginário das pessoas mais ou menos conscientes desse movimento avassalador? Como entender as novas formas de relacionamentos com o mundo e com os outros? Como entender os desafios educativo das aulas remotas, sobretudo, em tempos pandêmicos, não apenas pelo viés econômico-financeiro, mas sim pela ótica didático-pedagógica e formativa de pessoas, cidadãos e profissionais?

Em suma, qual a atitude do homem diante desse quadro oferecido pela evolução tecnológica até agora? E o futuro desse mesmo homem dentro de um cenário virtual estonteante? Que caminhos poderão ser revistos para a vida humana num futuro mais próximo ou remoto? Qual a perspectiva final que se vislumbra nesse cenário, em termos de reflexão filosófica realista, mas não pessimista, diante de uma visão mais ampla desse tempo-espaço tecnológico com vistas ao presente-futuro da própria humanidade?

Para se enfrentar esse último questionamento, que condensa todos os outros anteriores, inicialmente, é indispensável abordar a era tecnológica e a nova concepção filosófica por ela introduzida na sociedade atual.

Em seguida, torna-se imperioso tratar da sociedade da informação e do conhecimento, como um novo paradigma da vida contemporânea.

Após isso, a reflexão se volta para a mudança cultural trazida pela a alta tecnologia da informação e da comunicação, acarretando uma nova forma de compreensão da realidade.

Na etapa subsequente, coloca-se em pauta a discussão em torno da própria realidade, agora vista como uma espécie de construto pela via extraordinária de fragmentos e segmentos multifacetários.

Dentro desse cenário, torna-se inevitável passar, então, para a análise da realidade da própria rede social, tida como uma envolvente “profecia” de um mundo novo de relações humanas.

Por fim, discute-se o desafio de se transformar, no mundo atual, a rede de máquinas em uma rede de pessoas, compartilhando uma autêntica cultura do encontro com o próximo.

Na conclusão, busca-se repassar as principais ideias desenvolvidas ao longo do texto.

## **2. A era tecnológica: uma viravolta filosófica**

A tecnologia contemporânea, sobretudo a das últimas décadas, alterou o curso da experiência humana de hoje, de modo substancial, considerados os padrões comportamentais até ontem conhecidos.

Os poderosos meios de informação e comunicação, cada vez mais aprimorados, estão imprimindo uma mudança no espírito da época em curso, cujo impacto na vida humana supera tudo quanto se possa imaginar. Nessa nova era, são apreciadas as formas intangíveis de poder, apresentadas em pacotes de informação, e veículos de comunicação como potentes ativos intelectuais (RIFKIN, 2000, p. 97-98).

Vive-se na guerra das galáxias, um planeta salpicado de redes mundiais de informação e de comunicação, com o propósito de uma conexão tecnológica total, capaz de encurtar o tempo e o espaço das relações entre os seres humanos (MANACORDA, 1982, p. 20).

Está em franca gestação uma nova sociedade, baseada nas redes sociais, mediante o uso de ordenadores tecnológicos. Nessa sociedade, os intercâmbios principais são os fluxos frenéticos de informações e comunicações, incluindo aspectos até mesmo alienantes e marginalizadores. A liderança está com os detentores desse poder, com seus processamentos automáticos e sofisticações tecnológicas (FORESTER, 1992, p. 321).

A sociedade tecnológica ainda está um pouco longe de já ser universal em plenitude, como até se acredita, mas o é em potencial, no sentido de que se tornou uma condição sem a qual não mais se concebe o poder e o progresso.

Parece não haver dúvidas de que poder e progresso tecnológicos dependem do estabelecimento de certa relação entre o pensamento abstrato e a experiência concreta. Por sua vez, essa relação só pode ser instituída por um tipo particular de raciocínio: aquele que prioriza proposições quantificáveis e exige que as explicações se submetam à confirmação ou refutação de fatos veiculados aos turbilhões (ARON, 1965, p. 65).

Os pensadores da tecnologia atual se julgam, talvez, mais racionais do que os seus predecessores, porque conjugam melhor o pensamento abstrato com a experiência cotidiana, por causa de seu modo de interrogarem a realidade e de sua convicção de que a inteligibilidade do mundo deve ter mesmo essa base filosófica bem determinada. Em outras palavras, a racionalidade tecnológica está relacionada com a metodologia, no sentido mais amplo do termo. Por seu turno, a metodologia está ligada ao que se pode chamar de uma concepção filosófica da verdade, está confirmada pelo critério prevalente do resultado pragmático do sucesso alcançado com a informação e a comunicação.

Essa racionalidade tecnológica está em alta no mundo atual, sempre como meio e fim em si mesma. E tudo indica já não ser mais possível desconectar a ideia de poder e de progresso da realidade construída, em tempo-espaço tecnológico, dentro da sociedade da

informação e do conhecimento, notadamente, no contexto de uma crise provocada por uma pandemia, trazendo enormes desafios sociais, culturais e cívicos para a humanidade.

### **3. Sociedade da informação e do conhecimento: um novo paradigma**

O modo como se dá a relação entre público e privado, que começou na época do surgimento da imprensa, mudou bastante no século XX, desde que surgiram a microeletrônica e os computadores, tudo com o rótulo de revolução da informação. “Informar” não significa apenas relatar os fatos, mas também “formar a mente”. A importância da informação já era apreciada, claramente, em alguns círculos políticos e científicos no século XVII, mas foi ressaltada ainda mais na sociedade comercial e industrial dos últimos séculos, quando as noções de velocidade e distância sofreram profundas transformações (BRIGGS; BURKE, 2004, p. 193).

É possível dividir o debate sobre a sociedade da informação em duas grandes linhas: a primeira, constituída pelos teóricos defensores do pós-industrialismo, pós-modernismo e do modo informacional do desenvolvimento, que acreditam que esse novo modelo marca o surgimento de uma nova ordem social, cuja característica básica é o fluxo de informações de uma forma nunca antes imaginada; a segunda, configurada por aqueles que apontam ser a nova ordem social contemporânea um processo contínuo e evolutivo da própria sociedade, embora reconheçam que a utilização da informação nas diversas atividades e esferas humanas tenha atingido patamares incomparáveis com qualquer outra época.

De algum modo, não se deixa de reconhecer o modo informacional de desenvolvimento, quando se diz que a revolução tecnológica deu origem ao chamado informacionalismo, tornando-se assim a base material dessa nova sociedade, em que se tornaram supremos os valores da liberdade individual e da comunicação aberta. No reino do informacionalismo, as tecnologias ganham um papel de destaque em todos os segmentos sociais, permitindo o entendimento da nova estrutura social - sociedade em rede - e, por via de consequência, de uma nova economia, na qual a tecnologia da informação é tida como uma ferramenta indispensável na manipulação da informação e construção do conhecimento pelos indivíduos, pois “[...] a geração, processamento e transmissão da informação torna-se a principal fonte de produtividade e poder.” (CASTELLS, 1999, p. 21).

Esse poder é observado, sobretudo, na produção econômica e na cultura material desta nova sociedade, que apresenta três características básicas: polifuncionalidade, flexibilidade e redes descentralizadas (LOJKINE, 2002, p. 13-15).

Diz-se que a sociedade em rede, propriamente, não seria um modismo, mas uma profunda mudança na organização da vida, podendo ser considerada um novo paradigma técnico-econômico. Essa nova era pode ser lida como um fenômeno global, porque afeta as atividades sociais e econômicas nos mais diversos lugares, haja vista que suas estruturas e dinâmicas são atingidas, em profundidade, pela infraestrutura das informações disponíveis. Duas dimensões se destacam nessa nova sociedade: a político-econômica e a social. A primeira pode ser explicada pela metáfora de uma “boa estrada”, já que facilita a entrada e saída de fluxos de informações, proporcionando mais e melhores empreendimentos em determinadas localidades. A segunda pode ser entendida pela amplitude que as informações têm em termos de interação e integração entre indivíduos espalhados pela superfície do globo e até mesmo com quem se encontra fora da órbita terrestre, nas estações espaciais.

Nesse contexto extraordinário, é possível destacar as principais características desse novo paradigma informacional. A informação é a sua matéria-prima, existindo uma ligação simbiótica entre ela e a tecnologia, uma espécie de relação de complementaridade entre ambas. A capacidade de penetração dos efeitos das novas tecnologias está consubstanciada no poder de influência exercido pelos meios eletrônicos na vida social, econômica e política da sociedade. A lógica das redes, que facilita a interação entre todos, pode ser implantada em todos os tipos de processos e organizações. A sua flexibilidade se afirma pela enorme potencialidade de configurar, alterar e reorganizar as informações. E há uma convergência de tecnologias específicas para um sistema bastante integrado, em que o contínuo processo de aproximação entre os diferentes campos tecnológicos resulta da sua lógica comum de produção da informação, de modo que os seus usuários possam exercer um papel ativo na produção do conhecimento (CASTELLS, 1999, p. 31-33).

Todas essas características estão ligadas, de certo modo, ao processo de democratização do conhecimento, fazendo surgirem novos espaços para a busca e o compartilhamento de informações num processo de desterritorialização do saber, visto não existirem barreiras de acesso a ideias, valores, bens e serviços no ciberespaço. O importante nessa nova sociedade não é a tecnologia em si, mas a ampla possibilidade de interação que proporciona a cibercultura, a cultura digital (LÉVY, 1996, p. 21-23).

Não obstante os meios eletrônicos tenham se tornado poderosos canais de comunicação horizontal, independente da classe social dos indivíduos, a realidade é que, não raras vezes, ainda ficam de fora todos aqueles que não têm condições de acesso, e não são poucos os excluídos, mesmo nos dias atuais; além disso, o próprio acesso à informação, para

aqueles tantos que podem tê-lo, não é garantia que disso resulte conhecimento, muito menos conhecimento qualificado.

Mesmo que se queira falar de revolução tecnológica, é preciso ter clareza de que ela não se opera apenas com disseminação horizontal de informações em fluxo frenético. As informações constituem a base do conhecimento, mas a sua aquisição implica, antes de mais nada, o desencadear de uma série de operações intelectuais, capaz de tornar as diversas informações relacionadas entre si em conhecimento, criando uma rede de significações aprendidas e apreendidas pelos sujeitos. No entanto, embora exista uma relação entre informação e conhecimento, há também uma distinção entre ambos os conceitos:

Informação é todo o dado trabalhado, útil, tratado, com valor significativo atribuído ou agregado a ele, e com um sentido natural e lógico para quem usa a informação. O dado é entendido como um elemento da informação, um conjunto de letras, números ou dígitos, que, tomado isoladamente, não transmite nenhum conhecimento, ou seja, não contém um significado claro. Quando a informação é ‘trabalhada’ por pessoas e pelos recursos computacionais, possibilitando a geração de cenários, simulações e oportunidades, pode ser chamada de conhecimento. O conceito de conhecimento complementa o de informação com valor relevante e de propósito definido. (REZENDE; ABREU, 2000, p. 60).

A finalidade das redes sociais de comunicação do século XXI será, pois, tentar assegurar e ampliar a primazia da construção do conhecimento, numa sociedade em que o fluxo de informação é vasto e abundante. Para que a sociedade da informação possa ser considerada uma sociedade do conhecimento é imprescindível que se enxerguem critérios para se organizar e selecionar as informações. Assim, não basta ser embalado e moldado, simplesmente, pelas torrentes de dados disponíveis no mundo virtual.

Não há dúvidas de que as novas tecnologias da informação e da comunicação, que tanto potencializam o conhecimento, estão determinando um largo passo para uma nova era da história da humanidade. Todavia, não se ignora que há também uma tecnocracia que traz não só impactos ideológicos, políticos, econômicos e sociais, bem como efeitos colaterais na própria cultura, que também se torna objeto dessa globalização digital. Esse paradoxo pode ser sentido no sistema educativo e não há como deixá-lo sem uma reflexão mais aguçada, sobretudo, quando uma pandemia desconcertante se abate sobre a existência humana e seus modos de pensar, agir e sentir as coisas.

#### **4. A mudança cultural: nova representação da realidade**

A cultura pode ser entendida no sentido de múltiplas relações que conformam as experiências vividas pelos indivíduos e pela comunidade, como um mosaico de significações. Como ser cultural, os homens estão imersos nesse emaranhado complexo, dentro de alguma cultura peculiar, de modo que a comunicação entre eles é sempre criação e transmissão de valores e significados.

Todos os âmbitos da cultura são transmissores de significado social. A cultura que, há séculos, esteve desvinculada das relações de intercâmbio, na atualidade, está imersa nessas relações, pois há uma mudança de grande envergadura, a ponto de se dizer que a publicidade e a propaganda já são intérpretes e transmissoras de certos significados culturais, de modo que a era do capitalismo informacional não elabora apenas bens e serviços, mas também produções culturais (RIFKIN, 2000, p. 235). Com o aumento e extensão das tecnologias da informação e da comunicação, na vida cotidiana, todas as formas de relações estão se mercantilizando, inclusive, a própria cultura. A cultura perde sua ancoragem comunitária e fica reduzida a um fugaz e raso entretenimento comercial, pois no mercado só impera a utilidade e o “valor” da mercadoria. Esse processo não deixa de representar certa ameaça para as culturas tradicionais, com seus sentimentos, valores, experiências e significados compartilhados que sustentam a cultura dos povos, já que o global invade o local. Neste sentido, o “[...] desaparecimento duma cultura pode ser tanto ou mais grave do que o desaparecimento duma espécie animal ou vegetal” (FRANCISCO, 2015, n. 145).

145

Acontece que a economia digital incorpora até mesmo o tempo livre, que não era objeto de relações comerciais, de tal modo que se tem uma comercialização onipresente, em que toda experiência humana fica mercantilizada. A sociedade da informação implica maior individualismo e a tecnologia aparece como substituta das relações humanas e sociais, acarretando uma distorção na elaboração coletiva de ideais. A cultura se converte, cada vez mais, em experiência de vida que pode ser objeto de embalagem e venda. Da mesma forma que já se falou sobre a vinculação entre o econômico, o cultural e o tecnológico e sua incidência no mundo do trabalho, hoje a vinculação entre o econômico, o cultural e o tecnológico tem impacto imediato no sujeito consumista contemporâneo (LYON, 2000, p. 161).

A força dos meios eletrônicos digitais, nesse momento da história da humanidade, está em forjar uma impactante cultura comunicacional. O postulado já conhecido é o seguinte: “[...] o meio é a mensagem.” (MCLUHAN, 1993, p. 11). Agora, esse postulado chega a se converter em ‘o meio é a mensagem’. A cultura do consumismo absorveu a cultura tradicional

e, atualmente, se emprega todo o aparato tecnológico para mercantilizar a própria experiência humana, chegando a se falar de indústria da experiência (RIFKIN, 2000, p. 196).

As culturas de base, constituídas durante milênios, estão sendo suplantadas em suas tradições por outras formas e valores culturais transmitidos através dos novos meios de comunicação. A cultura já não se identifica tanto com a memória coletiva, a expressão do espírito popular, a manifestação da consciência social, o conhecimento e o exercício de valores próprios, hábitos e normas de convivência, que dão identidade a uma comunidade (GONZALES MANET, 1999, p. 23). Toda essa mudança cultural, alavancada pelas tecnologias da informação e da comunicação, traz para o homem moderno outra percepção do mundo, atraindo-o para uma nova representação da própria realidade circundante. Parece ficar fora de dúvida que a educação é impactada, direta ou indiretamente, por essa passagem da cultura dita tradicional para a tecnológica. E a pandemia não demorou para demarcar essa transição em muitos segmentos das interações humanas, especialmente, atingindo em cheio, por exemplo, as relações educativas.

## **5. A realidade: um construto por fragmentos e segmentos multifacetários**

146

A modernidade se estabeleceu como um tempo-espaço de progressiva transparência e como projeto de emancipação da humanidade.

O trânsito para a pós-modernidade estabeleceu um giro na objetividade, na racionalidade e no conhecimento, acrescentando que nada é alheio a seu processo nem a seu tempo-espaço, de modo que a verdade não é apenas aquilo que se tem por real, mas também um construto virtual por fragmentos e segmentos multifacetários. A pós-modernidade se constrói nesse novo universo tecnológico, virtual e da informação eletrônica mundial. As tecnologias da informação e da comunicação eletrônica possibilitam a transmissão de uma visão global da experiência, da cultura e da história, haja vista que existem diversas histórias e múltiplas construções do passado na consciência e na imaginação coletiva. O curso unitário ou totalizador da história se perdeu, não para abarcar outras perspectivas, mas para voltar a se encontrar numa contemporaneidade complexa, elaborada na sociedade global da informação (VATTIMO, 1987, p. 16-18).

O novo capitalismo da informação ou pós-moderno produz o câmbio dos anteriores valores ligados à produção industrial por novos valores relacionados ao consumo massificado e as relações pessoais se perdem na teia de redes labirínticas. Criou-se uma forma muito

diferente de consciência relacional no universo da interatividade da interconexão total, na chamada aldeia global (CHOMSKY; DIETRICH, 1997, p. 9).

Assiste-se a um mundo que morre frente a outro tipo de mundo que nasce: o sujeito está mais vinculado ao tempo-espço do virtual, transformado em real, e imerso numa multiplicidade de relações com os outros, mantidas de formas muito diversas pelos meios tecnológicos mais sofisticados.

A nova era tecnológica reporta a uma mudança de constituição e conformação da realidade. Pode-se dizer que há uma vertiginosa passagem do mundo tipográfico moderno para o mundo eletrônico pós-moderno, em que a informação e a comunicação digitais parecem dar os contornos da realidade em sua totalidade, até mesmo das relações pessoais, que se tornam “[...] uma experiência ao mesmo tempo múltipla, complexa e contraditória.” (MORAIS, 1971, p. 13).

Não é necessário tanto esforço reflexivo para verificar que valores ou pautas de cultura pertencentes a segmentos tão variados e alastrados, de maneira muito rápida, numa mesma geração, não demorariam a trazer choques uns com os outros, por vezes de modo disparatado, através de conflitos íntimos e profundos nem sequer suspeitados.

É verdade que os valores antigos ou tradicionais nunca se desfizeram de todo, e, mesmo agora, na era da alta tecnologia eletrônica, os “[...] conflitos de valores antigos e novos ainda se realizam em planos profundos da mente.” (MORAIS, 1971, p. 17). Entretanto, um fato é bem visível: o da atividade ininterrupta dos poderosos meios ou processos das novas tecnologias, no sentido de difundir as suas pautas de valores. Parece bastante claro que o sistema educativo, com toda sua complexidade de conjugação de valores tradicionais e novos, não escapa dessa realidade multifacetária, além do que os desafios de promover um processo de ensino-aprendizagem inclusivo, qualificado, significativo e transformador se potencializaram com a chegada do coronavírus (Covid-19).

## **6. A rede social: “profecia” de um mundo novo**

É preciso sempre perguntar como vive a humanidade. Antes de qualquer indagação sobre a comunicação, deve-se tentar compreender onde se vive, qual é o contexto em que os seres humanos se relacionam e como o fazem. Qual é a experiência de comunicação que se vive a cada dia? Como vive o mundo hoje, num tempo-espço em que as redes comunicativas envolvem o globo?

O panorama comunicativo, aos poucos, converteu-se numa espécie de ambiente de vida para muitos. O mundo vai se tornando sempre menor e, aparentemente, as pessoas estão mais perto umas das outras. Os “amigos” das redes sociais estão sempre na distância de um simples clique: muito pouco esforço é necessário para se obter imagens e notícias de pessoas a quem se está ligado. Todos estão mais conectados e interdependentes. Todavia, é inevitável a indagação: é suficiente multiplicar as conexões para se desenvolver a compreensão recíproca entre as pessoas e as relações autênticas? Não por outra razão tem se falado da multiplicação das “[...] possibilidades de comunicar, de receber informações, de transmitir notícias. Mas podemos realmente dizer que cresceu a capacidade de nos compreender, ou talvez, paradoxalmente, nos compreendermos cada vez menos?” (BENTO XVI apud PAPA FRANCISCO, 2014, p. 14).

Ao examinar alguns aspectos marcantes dessa encruzilhada histórica provocada pela pandemia do novo coronavírus, ficam bastante nítidos os (des)caminhos que todos estarão desafiados a ensinar e aprender, como se pode notar nos seguintes dizeres:

O maior risco que enfrentamos não é o vírus, mas os demônios interiores da humanidade: o ódio, a ganância e a ignorância. Podemos reagir à crise propagando ódio: por exemplo, culpando estrangeiros e minorias pela pandemia. Podemos reagir à crise estimulando a ganância: por exemplo, explorando a oportunidade para aumentar os lucros, como fazem as grandes corporações. E podemos reagir à crise disseminando ignorância: por exemplo, espalhando e acreditando em ridículas teorias. [...]. Mas não há necessidade de reagir propagando ódio, ganância e ignorância. Podemos reagir gerando compaixão, generosidade e sabedoria. Podemos optar por acreditar na ciência, e não em teorias conspiratórias. Podemos optar por cooperar com os outros em vez de culpá-los pela pandemia. Podemos optar por compartilhar o que temos em vez de apenas acumular mais para nós mesmos. Reagindo assim, de forma positiva, será muito mais fácil lidar com a crise, e o mundo pós-covid-19 será muito mais harmonioso e próspero. (HARARI, 2020, p. 8-9).

148

A pandemia não poupa a humanidade de se esforçar não só para se livrar dela, como também para tirar da peste algumas lições. Na aventura no cosmo, a humanidade se constitui, ao mesmo tempo, em sujeito e objeto daquilo que une (*Eros*), opõe (*Pólemos*) e destrói (*Tánatos*). O *Eros* é incerto, porque pode cegar, mas ele também instiga ao exercício da inteligência, sem abandonar a referência ao amor. Por mais que *Pólemos* e *Tánatos* sejam forças titânicas, o homem ainda pode escolher ficar no partido do *Eros*, sempre quando busca agir mais inteligência e mais amor (MORIN; ABOUESSALAM, 2021, p. 97). Inteligência e amor mostram-se, mais uma vez, ingredientes indispensáveis para um processo educativo qualificado em ambiente virtual, tal como o são em ambiente real.

Não basta uma comunicação global para superar as divisões; ao contrário, mesmo hoje unido pelas redes, o mundo vive o paradoxo de estar dividido. Mas, essa divisão, que é global, também não deixa de ser local, com tantos contrastes entre incluídos e excluídos do acesso a bens e serviços que assegurem o mínimo existencial para a dignidade humana. Não é por outro motivo que se tem observado: “A cultura da comunicação não pode conviver com a cultura do descartável, porque comunicar significa hoje, essencialmente, não a simples transmissão da mensagem, mas o fato de condividi-la.” (PAPA FRANCISCO, 2014, p. 15).

As redes que unem e conectam os seres humanos devem impulsioná-los para uma visão de um mundo bem diverso daquele que se tem à frente, tão cheio de fissuras, tão repleto de divisões.

Em certo sentido, a rede é a “profecia” de um mundo novo, também porque deve ser capaz de oferecer maiores possibilidades de encontro solidário entre todos. Solidariedade não é apenas uma virtude que se pode ter ou não. Ela é uma espécie de lei suprema do universo, porque há uma relação de tudo com tudo, em todos os pontos, em todos os momentos. Em tudo há uma interdependência, como se pode notar nas seguintes palavras:

Somos verdadeiramente cidadãos, dissemos, quando nos sentimos solidários e responsáveis. Solidariedade e responsabilidade não podem advir de exortações piegas nem de discursos cívicos, mas de um profundo sentimento de filiação (*affiliare*, de *filius*, filho), sentimento matripatriótico que deveria ser cultivado de modo concêntrico sobre o país, o continente, o planeta. (MORIN, 2003, p. 74).

Assim, os humanos são seres de solidariedade. O que importa é transformar esse dado objetivo de cooperação universal num projeto pessoal. E ele se estende, como enorme desafio, à ação educativa de cada protagonista do processo de ensino e aprendizagem, sobretudo, em tempos pandêmicos, exigindo o distanciamento presencial e a interação virtual numa rede solidária de compartilhamento de saberes.

## **7. Rede de pessoas: não de máquinas**

Os desafios desse encontro solidário entre todos são gigantescos. O progresso levou a receber mais informações do que se pode bem discernir e melhor avaliar.

Os interesses econômicos por trás são poderosos. Muitas pessoas estão excluídas de conexões e de tecnologias melhores. Entretanto, os desafios precisam ser enfrentados, e não

devem bloquear os encontros. O mundo há de ser compreendido e orientado. Há uma utopia realista de um mundo melhor.

A rede é uma conquista mais humana do que tecnológica. A rede não é feita de fios, tubos e cabos. A rede digital pode ser lugar rico de humanidade; não rede de máquinas eletrônicas, mas de pessoas humanas.

É preciso voltar ao homem e perseguir as categorias de estrutura (corpo, psiquismo e espírito), de relação (objetividade, intersubjetividade e transcendência) e de unidade (realização e pessoa), entendendo que a antropologia filosófica delinea a “[...] figura conceptual do ser do homem segundo sua estrutura e segundo as suas relações fundamentais, ou seja, no seu ser-em-si - *esse in se* - e no seu ser-para-outro - *esse ad alium vel aliud*.” (VAZ, 1992, p. 141). Na categoria da pessoa realiza-se a síntese da região estrutural com a região relacional do ser humano. A vida humana é, por si, uma rede, mesmo sem computadores, celulares e satélites. No entanto, essas tecnologias da informação e da comunicação podem ajudar a se viver como rede as experiências de vida. Se não contribuem para os seres humanos acolherem melhor uns aos outros, se não ajudam a crescer em humanidade e na compreensão recíproca, aqueles meios tecnológicos não tornam as pessoas mais próximas umas das outras. Quando não se vive a proximidade, não se responde a uma vocação humana de compartilhamento. Significa dizer que “a ‘internet’ pode oferecer maiores possibilidades de encontro e solidariedade entre todos, e isso é algo muito bom [...]” (PAPA FRANCISCO, 2014, p. 8).

150

É crucial estimular a colher na rede o sinal de um dom e de uma vocação da humanidade, para que seja mais próxima e unida. É o desafio de descobrir e transmitir a possibilidade de se viver misturado no encontro que gera apoio e participação, capaz de enfrentar o turbilhão caótico e desagregador de uma miríade de palavras, sons e imagens do “multiverso” virtual da rede.

Como este ser próximo se manifesta no ambiente criado pelas novas tecnologias digitais?

O conceito de comunicação tem seu eixo não sobre a mensagem, e muito menos sobre as técnicas, mas sim sobre pessoas que se comunicam. Comunicar-se não quer dizer apenas transmitir a simples mensagem, mas condidi-la no interior das redes de relação, de proximidade. Trata-se também de testemunhar o que se comunica, assumindo o envolvimento de quem está do outro lado. Significa tocar a outra pessoa, permanecendo consciente desse

contato. A comunicação deve assegurar que somos humanos, e não máquinas, compartilhando nossa humanidade de muitas formas, até mesmo por meio de máquinas tecnológicas.

É fato que a comunicação, nos dias de hoje, tende para a manipulação e o consumismo. Tal é a sensação que se tem quando há bombardeios por rajadas de imagens sedutoras ou apelativas. No entanto, é perigoso não perceber que ser invadido frontalmente e se tornar impotente para resistir ou indignar-se contra uma manipulação alienante, é como ser agredido de maneira brutal. Enfim, é bem atual a imagem do homem abandonado às margens das estradas, agora chamadas de “estradas digitais”, à espera de uma boa comunicação.

O comunicador-pessoa é, pois, o convidado a ir ao encontro desse abandonado marginal, com aproximação e presença significativa em sua vida, pois não são apenas as técnicas e estratégias comunicativas em si que garantirão beleza, bondade e verdade da comunicação.

A rede pode ser entendida, assim, como peculiar periferia existencial, repleta de humanidade, que cultiva a esperança de um mundo melhor como sentido da vida humana. O poder da comunicação é o da proximidade. Obviamente, é possível aproximar-se bem ou mal. Nesse cruzamento de relações interpessoais, o erro da comunicação é a própria rejeição de tornar-se bem próximo, na proximidade do bem, enfrentando a falsa realidade de um estranho perto, do qual era melhor manter distância, a menos que seja para ser objeto de manipulação com mesquinhos interesses, medíocres ideais e perigosas ideologias. Esse é o desafio de se comunicar numa rede de proximidade, sem perder o horizonte transcendente dos mais elevados valores que podem ser transmitidos e recebidos na galáxia virtual, que não podem ser desconectados dos fundamentos indeclináveis do belo, do bem e do verdadeiro que pavimentam o melhor caminho do mundo real. Para tanto, não pode faltar na rede a própria estrutura do ato humano em seus quatro graus distintos: a intenção, que significa a direção da vontade para uma finalidade; o conselho, em que a vontade, após fixar a vista no fim a atingir, passa à escolha dos meios, ponderando-os mediante um ato de deliberação; o consentimento, que conduz à formulação de juízos, cada qual apresentando uma ação como apreciável sob certo aspecto, fazendo reconhecer nela certa beleza, bondade e verdade; e, a eleição, entendida como um ato comum do intelecto e da vontade em cooperação para uma qualificada decisão (AQUINO, 1980, I-II, q. 12, a. 1).

Por isso está correto dizer que não pode faltar na rede a virtude intelectual e moral da prudência. Como virtude intelectual, ela não ajuda apenas a conhecer o que é reto, mas

também a saber aplicá-lo às circunstâncias concretas, de modo a conduzir ao melhor fim. Nesse sentido, ela é uma reta razão da ação. Como virtude moral, a prudência é reguladora da própria conduta humana, moderando seus desvios e excessos, já que ela participa da vida racional e é até mesmo capaz de aperfeiçoá-la.

Alcança-se uma grande conquista tecnológica quando uma engenhosa e espantosa rede de máquinas se torna, a cada dia, um meio aperfeiçoado de formar uma gigantesca rede de pessoas prudentes, dentro da perspectiva de uma efetiva abertura para o encontro. Por mais que as sofisticadas ferramentas tecnológicas da informação e da comunicação tenham se apresentado como alternativas positivas, especialmente, nesses desafiadores tempos de assustadora pandemia, é essa concreta disposição que pode trazer a sensação de esforços mútuos para a realização de algo fundamental num processo de ensino e aprendizagem no mundo virtual, vale dizer, a autêntica cultura do encontro solidário com o outro, tornando quem está distante o mais próximo possível.

## **8. Conclusão**

Seria um equívoco imaginar facilidade na reflexão a respeito do impacto produzido pela tecnologia, nos últimos tempos, nas mais diversas dimensões da vida humana.

São observadas mudanças, sem precedentes, na estrutura mais íntima da própria experiência das relações humanas, gerada por algum poderoso meio de informação e de comunicação.

Tornam-se inevitáveis questionamentos sobre a atitude do homem diante desse quadro de vertiginosa evolução tecnológica e sobre o real presente-futuro da humanidade, dentro de um estonteante cenário virtual.

Tudo indica que a tal racionalidade tecnológica, cada vez mais, está em alta no mundo atual, apresentando-se como meio e fim em si mesma. Como consequência, acredita-se já não ser mais possível desconectar a ideia de poder e de progresso da realidade construída dentro da sociedade da informação e do conhecimento. Parece que o propósito decidido e definitivo das redes sociais de comunicação é assegurar e ampliar a primazia da construção do conhecimento, o seu “capital intelectual”, numa sociedade em que o fluxo de informação é vasto e abundante.

Não há dúvidas de que as novas tecnologias da informação e da comunicação, que potencializam o conhecimento, estão determinando um passo bastante largo para uma nova era da história da humanidade. Contudo, não se deve ignorar que há também uma tecnocracia

reinante, capaz de gerar intensas repercussões ideológicas, políticas, econômicas e sociais, bem como efeitos colaterais na própria cultura, que acaba se tornando objeto de massificação digital global.

A cultura corre o risco de perder sua ancoragem comunitária e se reduzir a um fugaz entretenimento comercial, pois no “deus mercado” e no “paraíso consumista” só impera a utilidade e o valor da mercadoria. Esse processo não deixa de representar certa ameaça para as culturas locais, com seus sentimentos, valores, experiências e significados compartilhados, que sustentam a própria cultura dos povos.

É a cultura tecnológica do mundo eletrônico pós-moderno, inundado de fragmentos e segmentos de informação e de comunicação, que dá os contornos da realidade em sua totalidade, até mesmo das relações pessoais.

A rede social converte-se em uma espécie de “profecia” de um mundo novo. Multiplicam-se as possibilidades de transmissão, em alta velocidade, de informações e comunicações, mas permanece o enorme desafio de compreensão mútua e reciprocidade entre tantos por todos os cantos do globo. A rede é “profecia” de um mundo novo, porque deve ser capaz de oferecer maiores possibilidades de encontro, solidariedade e cooperação.

Não se deve ser ingênuo em imaginar que os desafios dessa cultura do encontro, na era tecnológica, podem ser superados com facilidade. Para isso, antes de tudo, é preciso compreender que a rede é uma conquista mais humana do que tecnológica. Ela não é feita de tubos, fios e cabos, mas de ideias e valores. Não é uma rede de máquinas eletrônicas, mas de pessoas humanas.

A rede pode ser vista como uma notável periferia existencial, repleta de humanidade, que cultiva a esperança do mundo real melhor como sentido da vida. Esse é o desafio de informar e de se comunicar numa rede de proximidade humana, sem perder o horizonte transcendente dos mais elevados valores da verdade, do bem e do belo que podem ser transmitidos na galáxia virtual.

Por mais que as sofisticadas ferramentas tecnológicas da informação e da comunicação tenham se apresentado como alternativas positivas, especialmente, nesses desafiadores tempos de assustadora pandemia, é uma concreta disposição de abertura ao outro, com inteligência e amor, que traz a imprescindível sensação de esforços mútuos para a realização de algo fundamental num processo de ensino e aprendizagem no mundo virtual, vale dizer, a autêntica cultura do encontro solidário com o outro, tornando quem está distante o mais próximo possível.

Há uma inegável conquista tecnológica, mas um verdadeiro triunfo tecnológico ocorre quando a espantosa rede de máquinas se qualifica como um meio extraordinário de formar uma gigante rede de pessoas inclinadas para uma autêntica cultura do encontro cooperativo, compartilhado e cuidadoso com o próximo.

### **Referências**

AQUINO, Tomás de. **Suma Teológica**. Tradução de Alexandre Correa. 2. ed. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes: Sulina; Caxias do Sul: Universidade Caxias do Sul, 1980. v. II.

ARON, Raymond. **A era da tecnologia**. Rio de Janeiro: Cadernos Brasileiros, 1965. 84 p.

BRIGGS, Asa; BURKE, Peter. **Uma história social da mídia: de Gutemberg à Internet**. Tradução de Maria Carmelita Pádua Dias. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004. 432 p.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede - a era da informação: economia e cultura**. Tradução de Ronei de Venâncio Majer e Jussara Simões. São Paulo: Paz e Terra, 1999. 630 p.

CHOMSKY, Noam; STEFFAN, Heinz Dieterich. **La aldea global**. Navarra: Txalaparta, 1997. 208 p.

FORESTER, Tom. **Sociedade de alta tecnologia**. Madrid: Siglo XXI de España, 1992. 366 p.

FRANCISCO, Papa. **Laudato Si**. Carta Encíclica sobre o cuidado da casa comum, 24 maio 2015. Disponível em: [http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco\\_20150524\\_enciclica-laudato-si.html](http://w2.vatican.va/content/francesco/pt/encyclicals/documents/papa-francesco_20150524_enciclica-laudato-si.html). Acesso em: 20 jun. 2021.

GONZALES MANET, Enrique. **Identidad y cultura en la era de la globalización**. La Habana: Pablo de la Torriente Editorial, 1999. 92 p.

HARARI, Yuval Noah. **Notas sobre a pandemia: e breves lições para o mundo pós-coronavírus**. Tradução de Odorico Leal. São Paulo: Companhia das Letras, 2020. 97 p.

LÉVY, Pierre. **O que é o virtual?** Tradução de Paulo Neves. São Paulo: Editora 34, 1996. 160 p.

LOJKINE, Jean. **A revolução informacional**. Tradução de José Paulo Netto. 3. ed. São Paulo: Cortez, 2002. 318 p.

LYON, David. **Postmodernidad**. Madrid: Alianza Editorial, 2000. 155 p.

MANACORDA, P. **El ordenador del capital: razón y mito de la informática**. Madrid: Blume Rditiones, 1982. 205 p.

MCLUHAN, Marshall. **La Galaxia Gutemberg: génesis del nomo typographucus**. Barcelona: Círculo de Lectores, 1993. 397 p.

MORAIS, Pessoa de. **O desafio da era tecnológica**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1971. 250 p.

MORIN, Edgar; ABOUESSALAM, Sabah. **É hora de mudarmos de via**: as lições do coronavírus. Tradução de Ivone C. Benedetti. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2021. 98 p.

MORIN, Edgar. **A cabeça bem-feita**: repensar a reforma, reformar o pensamento. Tradução Eloá Jacobina. 8. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003. 128 p.

PAPA FRANCISCO. **Comunicação a Serviço de uma Autêntica Cultura do Encontro**: mensagem para o 48º Dia Mundial das Comunicações Sociais. São Paulo: Paulus, 2014.

REZENDE, Denis Alcides; ABREU, Aline França de. **Tecnologia da informação aplicada a Sistemas de Informações Empresariais**. São Paulo: Atlas, 2000. 376 p.

RIFKIN, Jeremy. **La era del acces: la revolución de la nueva economía**. Barcelona: Paidós, 2000. 353 p.

VATTIMO, Gianni. **El fin de la modernidad**. Traducción de Alberto L. Bixio. Barcelona: Gedisa, 1987. 160 p.

VAZ, Henrique Cláudio de Lima. **Antropologia Filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992. 280 p.